

RUA ARNALDO SIMÕES PINTO

Lei nº 2006 de 04-03-1959, Artigo 1º

Formada pela rua 1 do Jardim Santa Eudóxia

Início na rua Elias de Oliveira Sabóia

Término na avenida Ministro Costa Manso

Jardim Santa Eudóxia

Obs.: Lei promulgada pelo Prefeito Municipal de Campinas José Nicolau Ludgero Maselli. Proposta de Alaor Malta Guimarães, através do "Diário do Povo" de 23-05-1957.

ARNALDO SIMÕES PINTO

Arnaldo Simões Pinto nasceu em Campinas, em 13-abril-1883 e faleceu em São Paulo, em 19-novembro-1918. Era filho de Francisco Antonio Pinto Júnior e Guilhermina Simões. Foi casado, deixando três filhos. Arnaldo Simões Pinto iniciou sua carreira jornalística aos 16 anos, como reporter da "Folha Nova", de Garcia Redondo, passando, em seguida, a assinar as "Matinas", crônicas no "S. Paulo". Como secretário de redação de "A Notícia", de Anibal Machado, redigiu "As Môscas de Milão", que marcaram época. Poeta, por excelência, aos 19 anos, conquistava o primeiro prêmio de poesia, instituído pela "Nova Cruzada", com o soneto "Fonte de Amor". Em 1904, publicou seu livro "Carmina". Repartindo a existência entre um emprego público do Estado e a redação dos jornais, escreveu críticas. Os poemas do "Don Alda", ficaram incompletos. Por ocasião da fundação da Academia Paulista de Letras, foi convidado a participar do cenáculo, excusando-se, entretanto. Simões Pinto foi um dos fundadores da "Revista do Brasil" e colaborador do Almanaque Brasileiro Garnier. Dirigiu "A Ronda", revista ilustrada e "A Farpa", publicação de epigramas. Teve diversas polêmicas, porém, a mais acirrada foi aquela em que se bateu contra Wenceslau de Queiroz e Félix Othero. Seu emprego na Recebedoria de Rendas da Capital, suas atividades na redação do "Jornal do Comércio" e na direção da revista "Vida Moderna", tomavam-lhe todo o dia e parte da noite. Simões Pinto era alegre, espirituoso, descontraído. Faleceu aos trinta e cinco anos, vitimado durante a cruel epidemia de gripe que grassou em São Paulo, a famosa "gripe espanhola".



**LEI N.º 2906, DE 4 DE MARÇO DE 1959 — DA OS NOMES
DE ARNALDO SIMÕES PINTO E EDGARD EGIDIO DE
SOUZA A RUAS DA CIDADE.**

CAMARA MUNICIPAL DECRETA E EU PREFEITO DO
MUNICIPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Artigo 1.º — Fica denominada ARNALDO SIMÕES PINTO, a
Rua 1 do Jardim Santa Eudóxia a qual, tendo inicio na rua 8 ter-
mina na Rua 6.

Artigo 2.º — Fica denominada EDGARD EGIDIO DE SOUZA,
a via publica que abrange as Ruas 2 a 17 e 18 do Jardim Santa
Eudóxia a qual tendo inicio na Rua 8, termina na Rua 6.

Artigo 3.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publica-
ção, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas aos 4 de março de 1959.

JOSE NICOLAU LUDGERO MASELLI — Prefeito Municipal.

ENG.º JOSE BENEDITO DE MELLO — Secret. de Obras e
serviços Públicos

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Muni-
cipal, em 4 de Março de 1959

ALVARO FERREIRA DA COSTA — Diretor

RUA ARNALDO SIMÕES PINTO AN. PV J. 712-3

Simões Pinto, um nome que a cidade deve perpetuar

Sobraçando um punhado de margaridas, ao entrar em casa disse: "São para o meu caixão". E de fato foi. Sabia que ia morrer!

Diano
Pelo - 23.5.17

ALAOR MALTA GUIMARÃES

Do Conselho de Turismo e Divulgação de Campinas

Simões Pinto, ou melhor, Arnaldo Simões Pinto, o poeta, nasceu em Campinas em 13 de abril de 1883, e faleceu na Capital do Estado, quando da epidemia de gripe, em 19 de novembro de 1918. Era filho de Francisco Antônio Pinto Júnior e de dona Guilhermina Simões.

Segundo Judas Isgorogota, Simões Pinto "iniciou em S. Paulo sua carreira jornalística, aos 16

anos, como reporter da "Folha Nova", de Garcia Rendonada, passando, em seguida, a assinar as "Matinas", crônicas no "S. Paulo"; como secretário de redação de "A Notícia" de Anibal Machado, redigiu "As Moscas de Milão", que marcaram época.

Aos 19 anos, conquistava o primeiro prêmio de poesia, instituído pela "Nova Cruzada", com o soneto:

FONTE DE AMOR

"Fonte pura de amor, cristalina e sonora!
Boca que enche de inveja o favo das abelhas
Quando, rubra, a tremer, mil perfumes dissora,
Num sorriso aromal de papoulas vermelhas!

Abre os lábios em flor, irmã gêmea da aurora!
Faze brilhar, de gozo as lúbricas centelhas!
Abre os lábios em flor e, sorridente, agora,
Dá-me o beijo febril em que a volúpia espelhas.

Quero sorver o mel e o aroma dos teus beijos,
O' boca, que sorris, transformada em colmeia
Das abelhas gentis dos meus loucos desejos!

Dá-me o beijo febril que as forças revigora,
Boca chela de graça e de candura chela,
Fonte pura de amor, cristalina e sonora!"

Em 1904, publica seu livro "Carmina". Repartindo a existência entre um emprêgo público e a redação dos jornais, escreve críticas. Os poemas do "Don Alda", ficaram incompletos.

Por ocasião da fundação da Academia Paulista de Letras, foi convidado a participar do cenáculo, excusando-se, entretanto.

Simões Pinto dirigiu "A Ronda", revista ilustrada e "A Farpá", publicação de epigramas.

De suas polêmicas, a mais acirrada foi aquela em que se bateu contra Wencelau de Queiroz e Félix Othero.

Seu emprêgo na Recebedoria de Rendas da Capital, suas atividades na redação do "Jornal do Comércio" e na direção da "Vida Moderna" tomavam-lhe todo o dia e parte da noite.

Waldisa Simões Pinto Russio, neta do poeta e jornalista Simões Pinto, sobre seu avô, a certa altura de um magnífico artigo publicado na "Gazeta de S. Paulo", disse:

"... O ano de 1918 trazia novas esperanças para os que não desesperavam de aguardar o término da guerra. Mas, nesse mesmo ano, a cruel epidemia de gripe, a "espanhola" fatal, envolveu famílias inteiras, ceifando vidas, aos milhares.

Carlos, irmão do poeta, estava, também contaminado pelo morbo terrível; Simões, um dia, vai visitá-lo. Dias antes encontrara amigos e, entre eles, o poeta

Guilherme de Almeida e o editor Elvino Pocal e a ambos falara de sua fé inabalável na "Gripina", remédio homeopático, surgido naqueles lutosos dias. Para Simões Pinto, a única "simpatia" admissível era a que ele tinha pela "Gripina", e mostrando o vidro ao amigo Pocal, dizia: — "Com isto não se morre..."

"... Lançador de impostos, percorria a cidade; seu coração impelia-os a auxiliar os míseros habitantes das favelas: visitava-os, expondo-se aos perigos de contágio... Agora visitava o irmão... Acima de tudo, o amor fraternal! De volta ao lar, entra em casa algo abatido; não era aquele Simões Pinto de sempre, espirituoso, bem disposto, sadio; era um outro homem, preocupado e triste. Trazia nos braços um punhado de margaridas, "para o meu caixão", dissera ele..."

E realmente, daí a 7 dias agonizava: ele que amava a vida e desejava viver, que não queria ver órfãos aqueles filhos queridos: "as três esperanças do casal", três criaturinhas feitas de sonhos e de mel..."

Ele não queria partir, mas teve que partir. Uma vontade, superior à sua, assim o desejou. Moço ainda, contando apenas 35 anos, partiu e deixou um vazio na literatura paulista, brasileira e, por que não dizer, também da nossa campineira?

Moacir Piza, nestes versos chorou a morte do poeta e amigo:

Simões Pinto foi um dos fundadores da "Revista do Brasil" e colaborador do "Almanaque Brasileiro Garnier".

Não faz muito, por estas mesmas colunas, falámos de Artur Manoel de Castro, poeta e jornalista, nascido em S. Paulo, mas que residiu e morreu aqui em Campinas, sua terra adotiva e de quem Campinas doutrara tanto se orgulhou.

Arnaldo Simões Pinto, nasceu em Campinas, mas viveu e morreu em São Paulo e São Paulo dele se orgulhou.

Foi, pois, Arnaldo Simões Pinto mais um filho de Campinas a engrandecê-la lá fora. Resta, agora, à sua terra natal, perpetuar-lhe a memória dando seu nome a uma rua da cidade. Daqui, o nosso apêlo ao ilustre Prefeito Municipal, sr. Ruy Helmeister Novaes.

